

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA SURDA CONSIDERATIONS FOR DEAF LITERATURE

Águida Aparecida GAVA

Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT – MeEL- Cuiabá – MT/
Universidade Estadual de Mato Grosso, UNEMAT - Barra do Bugres – MT
guidag@gmail.com

Resumo: O presente trabalho discorre brevemente sobre a literatura surda no Brasil, pontuando seu público-alvo e insumos necessários para atingi-lo. Para tal, procuramos percorrer as pegadas de alguns articulistas em busca do pensar autoral e das composições literárias. Analisando aspectos como o poema, a tradução e a criança aprendiz surda em um ambiente bilíngue, no qual ela possui a língua de sinais como sua língua materna, pesquisamos quais seriam as condições existentes para sua inserção no orbe dos contos, histórias e fantasias e, nesse sentido, quais os aspectos encontrados atualmente nos meios literários brasileiros.

Palavras-chave: Língua de sinais, Literatura surda, Literatura surda infantil.

Abstract: The present study deals briefly with deaf literature in Brazil, highlighting its target audience and the inputs necessary to reach it. To this end, we followed the trail of some writers in search of the authorial thinking and literary compositions. Considering aspects such as the poem, translation, and the deaf apprentice child in a bilingual environment, in which s/he has the sign language as his mother language, we examined the existing conditions for its insertion in tales, stories and fantasies, together with the aspects currently found in the Brazilian literary media.

Keywords: Sign language, Deaf literature, Deaf children's literature

INTRODUÇÃO

A Literatura surda se manifesta através das histórias contadas por meio de sinais. Sua importância primordial centra-se na condição de apoio identitário. Ela corrobora para que o surdo se aperceba como parte de uma comunidade.

Desse modo, esta ciência, de amplo cunho visual, gera novas possibilidades de produção e exploração de textos literários sinalizados e ilustrados.

Os primeiros esboços literários destinados à comunidade surda surgem timidamente e são passados de modo visual, sem registros escritos, e os gêneros preferidos eram as anedotas, piadas e histórias que retratam as questões de comunicação e aceitabilidade do surdo junto à sociedade ouvinte.

Com o advento da tecnologia, de filmadoras, gravadores, e da possibilidade de impressão de textos e imagens, assim como a escrita de sinais surge a Literatura Surda Contemporânea e um vasto leque de opções se abre para leitores e autores.

As histórias ganham cor e formas, surge a poesia, os livros visuais e o exercício de criatividade torna-se uma variável cada vez mais presente.

No Brasil, desde o reconhecimento governamental da língua brasileira de sinais como a primeira língua do indivíduo surdo, implicando em sua inserção em sala de aula, vêm se fortalecendo os movimentos de inclusão, os quais ocorrem nas escolas e na sociedade, surgem novas produções didáticas especializadas, peças teatrais e, na literatura novos autores corroboram no processo de formação desse novo viés.

Nesse ínterim, procuramos desenhar alguns aspectos na literatura surda, evocando alguns autores da poesia e da literatura surda infantil brasileira.

Sob a orbe da criança surda, bilíngue, tendo a língua de sinais como sua língua materna, nos indagamos quais seriam as condições para sua inserção no universo literário dos contos, histórias e fantasias? E quais as práticas encontradas atualmente nos meios literários brasileiro? Desse modo, pretendemos levantar brevemente algumas abordagens sobre a literatura surda, por uma perspectiva inclusiva e bilíngue. Nossa pesquisa possui o aporte teórico dos autores Karnopp (2006; 2010), Porto e Peixoto (2011), Rosa (2005; 2006), Souza (2014) entre outros.

1 ASPECTOS DA LITERATURA SURDA

No presente capítulo, pretendemos discorrer sobre a Literatura surda e suas várias roupagens: na poesia, nas histórias infantis, na tradução de romances e poemas, no teatro, nas piadas, nas histórias que sobreviveram por gerações sem registros escritos.

De acordo com Karnopp (2010, p. 161), a Literatura surda vincula-se à temática da história das línguas de sinais, da Identidade e da Cultura Surda, e é encontrada na produção de textos literários em sinais, com base em experiências visuais, nos quais a surdez concebe a presença de algo e não sua falta; olhando para os surdos com suas diferenças culturais e formadores de um grupo linguístico distinto:

A expressão “literatura surda” é utilizada no presente texto para histórias que têm a língua de sinais, a identidade e a cultura surda presentes na narrativa.

Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural diferente (KARNOPP, 2010, p.161).

A autora salienta a existência de grande variedade de histórias narradas em línguas de sinais pelos surdos, mas a falta de registros das mesmas em livros/material audiovisual para replicação em escolas e na Comunidade (KARNOPP, 2010, p. 161).

Segundo Porto e Peixoto (2011, p.167), os processos de apropriação dos saberes por meio da literatura visual surgem no instante em que as pessoas surdas são apresentadas às “produções imagéticas de sua língua”. Sendo assim, o veio receptor principal para a pessoa surda é a visão, e tal apropriação se dá a todo momento, por meio de diálogos estabelecidos em língua de sinais, pela observação de cenários e situações e dentre os variados processos de comunicação. Na literatura surda, a arte se estabelece por meio de livros virtuais, da escrita de sinais, teatro, poemas visuais, entre outros.

Porto e Peixoto (2011, p. 167) nos apresentam indícios do início da literatura surda desde o século XIX, nas histórias transmitidas visualmente por gerações.

Eles ressaltam a importância dessa para as comunidades surdas, por intermédio da qual se constituem possibilidades de interação e exercício literário nas línguas de sinais. Presentemente, o contato do surdo com a literatura se dá em centros de convivência, escolas e junto a comunidade surda. Sua principal função é oferecer registros de situações e sentimentos enfrentados pelo indivíduo surdo, além de imprimir graça e suavidade ao discurso, ampliando o vocabulário e proporcionando reflexões profundas ao leitor.

No que concerne ao gênero textual da poesia em língua de sinais, Souza (2014, p. 169) considera a linguagem utilizada como possuidora de um agudo efeito estético, o qual externaliza anseios próprios da comunidade surda. Sutton-Spence (2012) ainda nomeia a poesia em língua de sinais como: “uma representação máxima da sinalização estética, na qual a linguagem utilizada é tão importante – ou até mais – quanto à mensagem” (SOUZA, 2014, p. 171).

Portanto, para o autor a tradução das produções artístico textuais de língua de sinais para a língua portuguesa proporcionam ao leitor ouvinte possibilidades de conhecer e valorizar as competências surdas no âmbito artístico:

... além de efeitos estéticos, percebe-se que, ao serem traduzidos para línguas orais, eles podem constituir verdadeiras pontes de contato cultural entre o mundo surdo e o mundo ouvinte, valorizando as potencialidades surdas e funcionando como ferramentas de esclarecimento cultural para os que não estão ainda familiarizados com as realidades existentes no mundo surdo (SOUZA, 2014, p. 171).

Ressaltamos o discurso do autor a despeito do paradigma surdo na construção poética, uma vez que a poesia do indivíduo pode não se convencionar às ideias dos indivíduos ouvintes de seu próprio círculo cultural e social (SOUZA, 2014). A forma como ele absorve e reage ao meio difere-se de seus pares ouvintes.

Na tradução dos poemas em língua de sinais para as línguas convencionais, Souza (2014) observa dois pontos: os aspectos morfológicos dos poemas, sob a condução teórico-literário do concretismo; e as questões intrínsecas à identidade surda. Enquanto que, a tradução de um poema para as línguas de sinais pode simplesmente assumir seu elo lexical correspondente. Desse modo, tal tradução somente fará parte do contexto literário surdo se abordar a temática inerente à comunidade.

Considerando a poesia em modalidade espaço-visual, Souza (2014, p. 186) ainda defende as possibilidades de tradução para as línguas convencionais, mesmo que o processo incida em algumas perdas, uma vez que essas não diminuem a criatividade e a riqueza poética presentes nas obras literárias icônicas e/ou em língua de sinais.

Cristiane Rosa (2011) discute o desempenho do morfismo (fluidez do movimento entre os sinais) nas traduções. O morfismo vincula-se ao neologismo e à necessidade de se criar um novo sinal que atenda à proposta poética inicial e ao processo criativo e a liberdade do autor na concepção de sua obra;

Segundo a autora, isso representa “novas formas de se ler o mundo quanto para misturar sinais no intuito de comunicar a mensagem poética com criatividade”.

Entendemos que o morfismo se dá mutuamente nas duas vias: da língua convencional para a língua de sinais e vice-versa. E mesmo ambas as línguas ocorrendo no mesmo país há um distanciamento em alguns processos tradutórios, o que nos leva a indagar sobre uma interpretação e não propriamente uma tradução entre as línguas.

A dita fluidez entre os movimentos é importante instrumento na composição dos poemas visuais; no próximo capítulo discorreremos sobre aspectos da produção literária surda na poesia, utilizando como prisma a escritora *Doroth Miles* e apresentaremos o poema visual de autoria de Nelson Pimenta.

2 A PRODUÇÃO LITERÁRIA SURDA NA POESIA

Neste capítulo discorreremos sobre o caminhar da produção literária surda e o forte papel da poesia no alavancar literário da comunidade. Para tanto, focaremos em dois autores, *Miles e Pimenta*.

A literatura visual surge no momento em que as pessoas surdas se apropriaram do saber sobre o poder de produção imagética de sua língua (PORTO; PEIXOTO, 2011, p. 167).

De acordo com Sutton-Spencer (2005) a história da literatura e a história do indivíduo surdo encontram-se a partir do século XVIII, com o início da construção de poemas na língua de sinais. O mesmo registro encontramos nos autores Fischer e Lane (1993 *apud* PORTO; PEIXOTO, 2011), o registro de poetas surdos nos séculos XVIII e XIX.

As autoras agrupam as produções literárias surdas considerando três aspectos. O primeiro encerra os textos literários escritos, traduzidos da língua portuguesa para a língua de sinais; o segundo, pertence às adaptações dos textos clássicos à realidade dos surdos; e o terceiro, engloba as produções textuais dos surdos. Sendo esta última categoria de maior importância, a qual encerra o pensar do sujeito surdo, expresso em suas produções textuais (PORTO; PEIXOTO, 2011, p. 168).

As piadas surdas são analisadas pela autora como um elemento literário inicial para os surdos, agregando seu exercício às produções imagéticas da língua de sinais. A autora ainda ressalta os fragmentos utilizados na sua construção como provenientes de cada sociedade. Desse modo, entre os surdos o principal tópico das piadas são: a surdez, a língua de sinais e a relação entre ouvintes e surdos.

Com já dito, tanto na poesia como nas piadas, a relação entre ouvintes e surdos é a temática principal.

A escritora Doroth Miles (1931 – 1993), ou *Dot Miles*, é uma figura central na poesia da língua de sinais. É tratada por Sutton-Spence (2003, p.1) como a maior

compositora na linguagem gestual e uma fonte de inspiração para a poesia contemporânea.

Aos vinte e cinco anos de idade, *Dot* ingressou em *Gallaudet College*, hoje *Gallaudet University*¹, onde iniciou seu aprendizado em Língua de Sinais Americana – ASL. Em *Gallaudet*, a autora recebeu suas primeiras premiações, por sua poesia e seus textos em prosa e também por sua atuação como atriz (Em 1958, ela ganhou o troféu de atriz mais promissora; em 1959, ela levou o troféu de melhor atriz coadjuvante) (Sutton-Spence, 2003, p.2).

Outro trabalho relevante da autora é *Silent Muse*, também premiado, o qual é uma antologia de textos selecionados de autores surdos dos últimos cem anos. A pesquisa revela o mérito de *Dot* também no resgate da Cultura Surda. Em 1961, *Dot* se forma com distinção, em *Gallaudet*.

É em 1967, quando a autora visita o *National Theatre of the Deaf* - Teatro Nacional de Surdos - e passa então a combinar a poesia em ASL com o Inglês, que ocorre o salto fundamental em sua carreira:

Quando eu vi pela primeira vez o Teatro Nacional dos Surdos em 1967. Eu vi o que eles estavam fazendo: a linguagem de sinais coisas com as quais eu nunca havia sonhado. E voltei para casa e comecei a escrever poesias que combinavam Inglês com sinais. Isso foi minha primeira poesia de verdade - antes eu escrevi, bem, apenas versos - e isso tudo foi tão excitante para mim (Sutton-Spence, 2003, p.2, Tradução nossa)² (Sutton-Spence, 2003, p.2).

Suas composições, e nelas a forma com expressa o conceito de linguagem poética para a língua de sinais, transforma-a em figura chave na poética surda. Ilustramos abaixo, com seu poema *Cloud Magic* (1949), no qual ela discorre sobre as nuvens e a magia que existe quando essas formam personagens no céu, mesclados aos seus sentimentos:

CLOUD MAGIC

Upon a windy hill I lie.
And watch the clouds go sailing by;

¹ *Gallaudet College* foi fundada em *Washington*, em 1864 como uma faculdade de artes liberais para as pessoas surdas. Tornou-se uma universidade em 1981.

² Do original: "When I first saw the National Theatre of the Deaf in 1967 ... I saw what they were doing with sign language, things I had never dreamed of. And I went home and started writing poetry that combined English language and signs. That was my first real honest to goodness poetry – before that I wrote, well, just verse – and it was all so exciting for me (Sutton-Spence, 2003, p.2)".

And, as they drift, they change and seem,
Like weird creations of a dream.
A long-eared pig, a three-legged cow
Pass slowly overhead - - and now
They waver, blur, and in their stead
A parrot, and an old man's head
Appear, and drift, and change again,
Now one's a ship, and one a hen.
Though grief at times may trouble me,
I will not know monotony
While I can watch a changeful sky
As on a windy hill I lie.

No poema, observamos leveza e graça e certa ponta de dor na frase: “*Though grief at times may trouble me, I will not know monotony*”, sem que conceba densidade à poesia.

As autoras Shirley Porto e Janaína Peixoto (2011, p. 175) a destacam como personalidade central da poesia em língua de sinais americana e inglesa. Isso devido à visão otimista e de fortalecimento da identidade surda vistas nas obras de *Dot Miles*, dado que a autora se contrapõe à opressão sofrida pelos surdos, demonstrando indignação, mas ainda mantendo o bom humor.

No Brasil, as autoras retomam a obra do autor Nelson Pimenta, e seu poema visual *Língua falada e Língua sinalizada*, no qual o autor discute a relação entre surdos e ouvintes. Nelson Pimenta foi o primeiro ator a se profissionalizar no Brasil. Após sua estadia nos Estados Unidos da América, onde estudou no NTD - *National Theatre of the Deaf* - de Nova Iorque, adquiriu uma nova visão sobre os direitos dos surdos e as possibilidades de enriquecimento intelectual da comunidade surda brasileira.

A seguir, apresentamos um pequeno trecho do poema visual de autoria de Nelson Pimenta, extraído do artigo *Literatura Visual*, de Shirley Porto e Janaína Peixoto (2011, p.177). No poema, as palavras escritas em letra minúscula representam a linguagem gestual da Língua de Sinais Brasileira (LSB); as palavras escritas em minúsculo e entre parênteses são comentários auxiliares, feitos pelas autoras descritos por Porto (2011) e não pertencem ao texto, possuindo a finalidade exclusiva de aclarar o entendimento e a interpretação do leitor:

LÍNGUA FALADA E LÍNGUA SINALIZADA

[...] (mãos em d) ...i...

PESSOAS-EM-PÉ APROXIMAR-EU//SINAL O-QUÊ -(mãos em d)

SINAL IGUAL LÍNGUA-DE-SINAIS// (mãos em d ...int..)

SINAL IGUAL LÍNGUA-DE-SINAIS (expressão da face "agrado")

BONITO

EU-GOSTAR

FALANTE (terceira pessoa)

OLHAR (para as duas pessoas surdas se comunicando em libras)

OLHAR (do ouvinte) MANDAR (manda as duas pessoas pararem)
(expressão na face: "autoritária")

CALAR (ordem da terceira pessoa) (expressão na face: "autoritária")

CALAR (negativa com balançar de cabeça)

NÃO (expressão na face: "desprezo" e "dar de ombros")

SINALIZAD@ SINAL^CONTINUAR (continuar)

CONVIDAR APRENDER (O falante de libras convida o outro falante de libras para aprender)

APRENDER APRENDER APRENDER

AMOR

[...]

Nelson Pimenta nasceu em Brasília em 1963 e reside nos dias atuais no Rio de Janeiro (PORTO; PEIXOTO, 2011, p.176). Foi no NDT que Nelson aprendeu a lutar pelos direitos dos surdos e onde ocorreu seu primeiro contato com a poesia de língua de sinais (PORTO; PEIXOTO, 2011, p.177).

A seguir, sem a pretensão de abarcarmos vastas dimensões, pretendemos margear o contexto da literatura surda infantil no Brasil.

3 A LITERATURA SURDA INFANTIL BRASILEIRA

Para Rosa (2006, p. 59), a literatura surda infantil brasileira sofre de uma grande deficiência em insumos apropriados, em especial os livros. O autor ressalta uma experiência de sua infância, em sala de aula, com o livro *Família Rato* e o despertar imagético que isso significou para ele; e defende o exercício da leitura e a importância assumida pela literatura em sua vida infantil e na vida da criança surda, abrindo novos caminhos de significação, os quais sobrepõem as fronteiras do material didático escolar,

criando novas pontes de saberes, o contato com imagens e textos no desenvolvimento da criatividade:

As crianças surdas desenvolvem aprendizagens através da leitura e da experiência visual, porém sozinhas não têm poder de se formar como leitoras e de serem também leitores visuais - necessitam do livro, de textos e de imagens para que possam desenvolver sua capacidade visual e de leitura (ROSA, 2006, p.59).

Ao mesmo tempo, o autor assegura o valor do incentivo doméstico na formação do futuro leitor, pois cabe aos pais ofertarem aos filhos as primeiras histórias em língua de sinais.

Para o autor, foi a partir de sua descoberta da leitura de histórias que aflorou seu desejo de escrever outras tantas narrativas dirigidas ao público surdo.

Os obstáculos são presentes e recorrentes à criança surda na escola. Rosa (2006, p.61) evoca o cenário de sala de aula, quando o professor, sem total compreensão da língua de sinais, não consegue atravessar a barreira da significação com o aluno surdo.

Desse modo, urge o alargamento da literatura especializada e de novos autores, os quais possam difundir a língua de sinais, o cotidiano e a identidade surda por todo o país.

Além do mais, é imprescindível a criação de acervos apropriados em escolas e centros de convivência, para que a criança surda tenha contato permanente com a leitura.

A seguir, apresentaremos algumas obras literárias direcionadas ao público surdo infantil.

4 EXEMPLOS DE LITERATURA SURDA INFANTIL BRASILEIRA

A pesquisa e produção de obras literárias para a criança surda cresce de forma tímida no país. Os livros visuais ainda são poucos e ausentes na maioria das escolas. Apresentaremos a seguir, algumas obras:

A obra *Rapunzel Surda*, escrita em três mãos, com a participação de Fabiano S. Rosa e outros dois autores de igual relevância, integrantes do mesmo grupo de pesquisa do qual o autor participa sob a coordenação de Lodenir Karnopp.

As primeiras publicações do grupo foram *Cinderela Surda* (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003) e *Rapunzel Surda* (HESSEL; ROSA; KARNOPP; 2003).

O livro *Rapunzel Surda* “foi reconstruído a partir de pesquisas que consideravam as experiências visuais dos surdos, incluindo desenhos que tentam reproduzir expressões faciais e corporais” (ROSA et.al., 2004 p. 228).

Outra obra significativa é o livro *O Patinho Surdo* (ROSA; KARNOPP, 2005). Trata-se de uma reconcepção da história *O Patinho Feio*, diferenciando-se do clássico infantil em sua adequação para a vivência surda, com ênfase nos processos dolorosos que a criança surda está sujeita a enfrentar até o fortalecimento de sua identidade surda.

A obra *Adão e Eva* (ROSA; KARNOPP, 2005) trata da história da origem das línguas.

As três obras literárias citadas foram estudadas e realizadas a partir de um sistema estrutural, mantido em todas os volumes apoiado no tripé:

- Desenhos, voltados à percepção visual do leitor;
- Escrita de Língua de sinais: com a finalidade de reforçar o conhecimento da LIBRAS, bem como ampliar o contato do leitor com a estrutura da língua de sinais;
- Língua portuguesa: para apropriação da criança da segunda língua, a língua nacional.

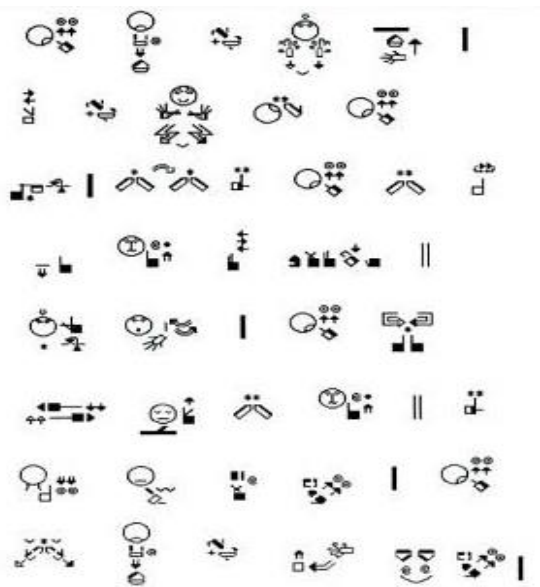
Frente aos objetivos da literatura surda e, sendo o Surdo indivíduo visual, deve-se considerar a importância da estrutura: desenho – escrita em língua de sinais – escrita em língua portuguesa.

Na composição, o desenho contextualizado contendo expressões faciais tornará a leitura mais prazerosa e atraente; a escrita de sinais aproxima o leitor da escrita de sua comunidade surda e, além disso, há ainda poucos surdos que leem em língua de sinais, podendo esta representar um link inicial para seu aprendizado; a escrita em língua portuguesa aproxima o leitor da língua da sociedade nacional, necessária em várias fases de sua vida e pode ser a língua na qual ele sabe ler.

Neste tripé, encontramos os livros infantis. Os livros virtuais podem não apresentar a escrita, como legenda; e os livros escritos para o público adulto podem não conter imagens.

A escrita da língua de sinais, utilizada para registrar a estrutura da LIBRAS, foi a *Sign Writing*, pensada em vislumbre de sua futura inserção no currículo das escolas em apoio à aprendizagem do surdo.

As Figuras 1 e 2 correspondem às páginas seis e sete da obra *Rapunzel Surda* (HESSEL; ROSA; KARNOPP; 2003). A Figura 1 refere-se à página inicial do livro, na qual vemos o texto escrito na escrita de sinais *Sign Writing* e, abaixo dela, uma tradução em língua portuguesa. A Figura (2) refere-se à ilustração da página seguinte:



Era uma vez um casal que queria muito ter um bebê. Os dois ficaram muito felizes quando souberam que a mulher estava grávida.
 A vizinha deles era uma bruxa egoísta que tinha uma linda horta. A mulher olhou as verduras e ficou com vontade de comer os rabanetes. O marido, muito querido, foi colher os rabanetes.

Figura 1 - Escrita de sinais e Língua Portuguesa



Figura 2 – Ilustração inicial – representação visual

5 A CRIANÇA SURDA E OS ESTÍMULOS SENSORIAIS

Segundo Rosa (2006, p.60), há no mercado grande quantidade de novidades em programas de TV, desenhos e filmes direcionados ao público infantil. Mas a falta de legendas e/ou de intérpretes é um triste fato, e a criança surda recebe a mensagem apenas de modo parcial.

Sem a legenda e sendo os estímulos recebidos (no processo de aquisição e significação) apenas de ordem visual e não sonora, o contexto chegará precário e insuficiente para o entendimento do indivíduo.

Desse modo, ante as narrativas em Libras, Lodenir Karnopp avalia a Linguagem surda como uma língua cheia de silenciamentos provenientes, em boa parte, da sociedade nacional:

Sabe-se que há a predominância de uma única forma linguística, de uma cultura universal, silenciando as manifestações linguísticas tecidas em outras línguas, como é o caso, inclusive, das narrativas em Libras (KARNOPP, 2010, p. 159).

A autora Karnopp (2010) enfatiza a importância da comunidade surda se colocar frente à sociedade nacional, reivindicando o direito de opinar, participando da

construção de planos pedagógicos e dos saberes escolares. Sobretudo nas produções literárias voltadas à identidade surda, a autora entende que há grande desconhecimento da sociedade nacional das produções artísticas de grupos surdos:

[...] há um completo desconhecimento dos processos e dos produtos que determinados grupos de surdos geram em relação ao teatro, ao brinquedo, à poesia visual, à literatura em língua de sinais etc.

E reafirma a falta de insumos na temática da diversidade cultural e literária apropriada à criança surda no contexto escolar.

Outra situação é a dificuldade de se escreverem, filmarem e divulgarem as produções, realizadas até agora de modo tímido no país. Isto ocorre, segundo a autora, por alguns princípios, que são (KARNOPP, 2010, p. 161):

- Dificuldade de transcrever a experiência visual para uma língua.
- Desconhecimento da língua de sinais.
- Desconhecimento das vivências do surdo leitor, e do narrador/autor de histórias.
- Desconhecimento de como se dá a aprendizagem de uma segunda língua e quais os fatores implicantes.
- Necessidade de se estabelecer nas narrativas o movimento das mãos e das expressões faciais e corporais, as quais complementam o cenário e auxiliam na compreensão da história.

Destas considerações, a autora eleva a importância dos registros visuais, objetivando a criação de acervos que atendam às necessidades da comunidade.

Karnopp (2010, p.171) vincula diretamente a literatura surda à cultura surda, posto que essa retrata as histórias de vida dos surdos, relatadas nos insumos desenvolvidos (contos, lendas, fábulas, piadas, jogos etc.).

Por outro lado, a autora não caracteriza, necessariamente, como literatura surda livros que contextualizem a surdez ou que tenham personagens surdos em sua trama. Defendendo a existência de uma cultura surda e o desejo de autores surdos por reconhecimento, e o fortalecimento da identidade (KARNOPP, 2010, p. 172):

O trabalho de análise do registro de histórias verificou que alguns dos livros produzidos referem o uso da língua de sinais, mas descontextualizado do pertencimento a uma comunidade de surdos (KARNOPP, 2010, p. 172).

Desse modo, a autora nos transmite uma ideia de que a literatura surda necessariamente precisa ser representativa para a comunidade surda e nos induz a

inquirir se os clássicos nacionais, traduzidos para a linguagem visual, seriam obras pertencente ao contexto surdo. Do mesmo modo, como classificaríamos um autor surdo, o qual escreva sobre situações descontextualizadas das vivências surdas como, por exemplo, escrever sobre animais, flores, meios de transporte, ou simplesmente retratar romances, poemas e contos na língua de sinais sem, contudo, preocupar-se com as questões da surdez ou dos sentimentos oriundos desta?

Entendemos que são conjecturas de uma literatura recente, na qual autores e leitores brincam com a criatividade em exercício ímpar e valoroso, preocupados primordialmente com o intercâmbio de vivências, transmissão e disseminação dos saberes para todos os círculos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura surda no país encontra-se nos seus primórdios, necessitando ainda de autores, novas obras e insumo visual apropriados.

Muitos livros foram traduzidos dos clássicos da língua portuguesa, mas o grande destaque está na poesia visual interpretada e nas histórias infantis confeccionadas no tripé: escrita de sinais, ilustração e língua portuguesa.

A chegada de livros específicos em língua de sinais traz consigo um novo viés e um fator multiplicatório: o exercício de imaginação. Acreditamos que é através da leitura que se formam novos autores.

Grande parte da Comunidade Surda precisa descobrir o novo mundo literário à sua frente, repleto de fantasia e nele, o prazer da leitura. Para tanto, é fundamental o apoio da escola, familiares e comunidade. A inexistência de conteúdo literário tolhe do aprendiz esse direito.

Assim como a sociedade nacional precisa colocar-se de modo cooperativo e participativo na confecção de programas culturais com legendas e/ou intérprete.

As narrativas possuem importante cunho informativo sobre a comunidade surda e a construção da identidade surda, e representam uma nova fonte do saber. Mas, além disso, é preciso abrir espaço para outras manifestações literárias, como a ficção, poesia, a pesquisa e outras tantas formas criativas.

As narrativas encontradas, em sua maioria, foram escritas na temática da surdez, tendo como objetivo: auxiliar o leitor nas dificuldades que encontrará na convivência

com a sociedade nacional; ampará-lo em suas necessidades de transpor os obstáculos advindos da surdez: há uma sociedade inteira que pensa e age como ele.

No Brasil, as produções surdas desabrocham em meio ao respeito à diversidade cultural. Uma nova flor nos campos da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

ROSA, Cristiane. **A poética da música na Libras**. Projetos de Libras, 2011. Disponível em <<http://crisrosa8.blogspot.com.br/2011/05/poetica-da-musica-na-libras.html>> Acesso em 20 Ago. 2014.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP Lodenir. **Rapunzel Surda**. Canoas: ULBRA, 2003.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação**. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas. v. 36, p.155 - 174, maio/agosto 2010. Disponível em <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1605/1488>> Acesso em 15 Agos.2014.

PORTO, Shirley; Peixoto, Janaína. Literatura Visual. **Revista Letras Libras**. Biblioteca UFPA Digit@l. p.165-196, 2011. Disponível em <[http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/literatura visual_1330351986.pdf](http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/literatura%20visual_1330351986.pdf)>. Acesso em 15 Out. 2014.

ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir. **Adão e Eva**. Canoas: ULBRA, 2005.

_____; KARNOPP, Lodenir. **Patinho Surdo**. Canoas: ULBRA, 2005.

_____. Literatura surda: criação e produção de imagens e textos. Literatura, Letramento e Práticas educacionais: Grupo de Estudos e Subjetividade. **ETD – Educação Temática Digital**. Campinas, v.7, n.2, p.58-64, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592.

SOUZA, Saulo Xavier de. Reflexões comparativas sobre procedimentos tradutórios ao português de poemas em língua brasileira de sinais. **La traductología en Brasil. Mutatis Mutandis**. v. 7, n. 1. p. 168-190, 2014. Disponível em <<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/mutatismutandis/article/viewFile/18769/16851>> Acesso em 10 Ago. 2014.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Dorothy Miles**. Chapter 4 Dorothy's Life Experiences, 12. Dez. 2003. Disponível em:

<http://sign-lang.ruhosting.nl/echo/docs/Dorothy%20Miles.pdf>. Acesso em 10. Mai. 2015.

_____. **Dorothy Miles**. European Cultural Heritage Online (ECHO), December 2003. Online Património Cultural Europeu (ECHO), dezembro de 2003.

_____; LADD, P.; RUDD, G. *Analysing Sign Language Poetry*. 1. Ed. New York: Palgrave Macmillan, 2005. 265 p.

_____. Poetry. En: Pfau, R.; Steinbach, M.; Woll, B. Sign Language: an international handbook. Handbooks of Linguistics and Communication Science. HSK 37. Berlin-Germany: Walter de Gruyter, 2012.

_____. Poetry. En: Pfau, R.; Steinbach, M.; Woll, B. Sign Language: an international handbook. **Handbooks of Linguistics and Communication Science**. HSK 37. Berlin-Germany: Walter de Gruyter, 2012.